

David Hume (1711-1776)

Vida e Obra

*James Fieser**

“Hume é a nossa política, Hume é o nosso comércio, Hume é a nossa filosofia, Hume é a nossa religião”. Esta afirmação, feita pelo filósofo idealista britânico do século XIX James Hutchison Stirling, reflete uma posição singular que David Hume ocupa no pensamento intelectual. Hume causou impacto profundo em todas as disciplinas mencionadas por Stirling, não apenas durante a própria vida de Hume, mas no decorrer das gerações posteriores e em nossa própria época. Parte de sua fama e importância deve-se à sua abordagem evidentemente cética em relação a uma série de questões filosóficas. Ele questionou as noções comuns de identidade pessoal, e argumentou que não existe um “eu” permanente que continua através tempo. Ele rejeitou as explicações clássicas da causalidade e argumentou que nossas concepções das relações de causa/efeito são baseadas em hábitos do pensamento antes que na percepção de forças causais no próprio mundo externo. Argumentou que é irracional acreditar nos testemunhos de supostos acontecimentos milagrosos, e, conseqüentemente, sugeriu que deveríamos rejeitar as religiões que são fundadas sobre os testemunhos de milagres. Contra a crença comum da época de que a existência de Deus poderia ser provada através de um argumento causal ou do desígnio, Hume ofereceu duras críticas às provas teístas clássicas. Além disso, contra a visão comum de que Deus desempenha um importante papel na criação e reforço dos valores morais, Hume ofereceu uma das primeiras teorias morais puramente seculares, fundamentando a moralidade nas conseqüências agradáveis e úteis que resultam de nossas ações.

-
1. Vida
 2. Principais controvérsias
 3. Controvérsias póstumas
 4. Obras publicadas de Hume
 5. Coletâneas de Cartas de Hume

1. Vida

* © 2001 James Fieser. *The Internet Encyclopedia of Philosophy* (<http://www.iep.utm.edu>).

Tradução: Jaimir Conte

David Hume nasceu em 1711 em uma família moderadamente rica de Berwickshire, na Escócia, próximo de Edimburgo. Seu contexto foi politicamente liberal e religiosamente calvinista. Quando criança frequentou fielmente a Igreja local da Escócia comandada por seu tio. Hume foi educado por sua mãe viúva até ele ingressar na Universidade de Edimburgo com a idade de onze anos. Suas cartas descrevem como, quando jovem estudante, ele tomou a sério a religião e seguiu obedientemente uma lista de preceitos morais extraídos do *The Whole Duty of Man*, um manual religioso calvinista popular.

Ao deixar a Universidade de Edimburgo com cerca de quinze anos para seguir sua educação individualmente, foi encorajado a considerar a carreira no Direito, mas seu interesse voltou-se para a Filosofia. Durante estes anos de estudo individual ele começou a levantar sérias questões sobre a religião, como relata na seguinte carta:

Não faz muito tempo que queimei um velho livro manuscrito, que escrevi antes de completar vinte anos, que continha, página após página, o progresso gradual de meus pensamentos sobre esse assunto [i.e. a crença religiosa]. Comecei com uma ansiosa busca à procura de argumentos para confirmar a opinião comum: as dúvidas surgiam, eram dissipadas e depois retornavam; eram novamente dissipadas, retornavam de novo.

Apesar de seu livro manuscrito ter sido destruído, várias páginas das notas dos estudos de Hume por volta dos vinte anos sobreviveram. Elas mostram uma preocupação com o tema da prova da existência de Deus e com o ateísmo, particularmente quando ele lê sobre estes tópicos nos textos gregos e latinos clássicos e no *Dicionário histórico e crítico* do cético Pierre Bayle. Durante estes anos de estudo privado, alguns deles na França, Hume compôs seus três volumes do *Tratado da natureza humana*, que foi publicado anonimamente em duas etapas antes dele completar trinta anos (em 1739 e 1740). O *Tratado* explora vários temas filosóficos tais como espaço, tempo, causalidade, objetos externos, as paixões, a liberdade da vontade e a moralidade, oferecendo explicações originais e frequentemente céticas destas noções. Embora a crença religiosa não seja assunto de uma seção específica do *Tratado*, ela é um tema recorrente. O Livro I do *Tratado* foi resenhado de forma desfavorável na *History of the Works of the Learned* com um série de comentários sarcásticos. Apesar de os especialistas o considerarem hoje como uma obra-prima filosófica, Hume ficou desapontado com o pouco interesse que seu livro despertou.

Em 1741 e 1742 Hume publicou seus *Ensaaios morais e políticos* em dois volumes. Os ensaios foram escritos num estilo popular e tiveram melhor sucesso do que o *Tratado*. Em 1744-1745 Hume candidatou-se à cadeira de Filosofia Moral na Universidade de Edimburgo. O cargo foi deixado vago por John Pringle, e os principais candidatos eram Hume e William Cleghorn. O Conselho da Cidade de Edimburgo era o responsável para eleger um substituto. Críticos se opuseram a Hume condenando seus escritos anti-religiosos. Entre os principais críticos estava o clérigo William Wishart (d. 1752), o reitor

da Universidade de Edimburgo. Listas de proposições supostamente perigosas do *Tratado* de Hume circularam, presumivelmente redigidas por Wishart. Diante de uma tão forte oposição, o Conselho da Cidade de Edimburgo consultou os ministros de Edimburgo. Esperando triunfar sobre o clérigo, Hume escreveu uma réplica ponto por ponto às listas das proposições perigosas que circulavam. Ela foi publicada como *Carta de um cavalheiro a seu amigo em Edimburgo*. O clérigo não foi dissuadido, e 12 dos 15 ministros votaram contra Hume. Hume imediatamente retirou sua candidatura. Em 1745 Hume aceitou um convite do General St. Clair para acompanhá-lo como secretário. Ele vestiu o uniforme de oficial e acompanhou o general numa expedição contra o Canadá (que terminou numa incursão à costa da França) e a uma missão diplomática nas cortes de Viena e Turim.

Em 1748 ele acrescentou à coletânea de ensaios acima citada um ensaio intitulado “Do caráter nacional”. Numa extensa nota de rodapé deste ensaio, Hume ataca o caráter do clero, acusando esta profissão de ser motivada pela ambição, vaidade e vingança. Esta nota tornou-se um alvo favorito dos ataques por parte dos clérigos. Dado o sucesso de seus *Ensaio*s, Hume convenceu-se de que a recepção desfavorável de seu *Tratado* foi causada devido a seu estilo antes que por causa de seu conteúdo. Em 1748 ele publicou seu *Ensaio sobre o entendimento humano*, uma reedição mais popular do Livro I de seu *Tratado*. A *Investigação* também inclui duas seções não encontradas no *Tratado* e que contém ataques bastante diretos à crença religiosa: “Dos milagres” e um diálogo intitulado “De uma providência particular e de um estado futuro”.

Em 1751 Hume publicou sua *Investigação sobre os princípios da moral*, a qual refunde de uma forma diferente partes do Livro III de seu *Tratado*. Embora esta obra não ataque a religião diretamente, ela o faz indiretamente ao estabelecer um sistema de moralidade sobre a utilidade e os sentimentos humanos apenas, e sem apelar para mandamentos morais divinos. Críticos tais como James Balfour criticaram a teoria de Hume por ser ímpia. Entretanto, perto do final do século Hume foi reconhecido como o fundador da teoria moral da utilidade. O teórico político utilitarista Jeremy Bentham reconhece a direta influência de Hume sobre ele. No mesmo ano Hume também publicou seus *Discursos políticos*, os quais receberam elogios imediatos e influenciaram pensadores economistas tais como Adam Smith, Godwin e Thomas Malthus.

Em 1751-1752 Hume procurou obter uma cadeira de filosofia na Universidade de Glasgow, e novamente não foi bem-sucedido. Em 1752 o emprego de Hume como bibliotecário da Biblioteca dos advogados de Edimburgo proporcionou-lhe recursos para levar adiante seu interesse pela história. Ali ele escreveu a maior parte de seus muito bem-sucedidos seis volumes da *História da Inglaterra* (publicados de 1754 a 1762). O primeiro volume foi recebido de forma desfavorável, em parte por causa de sua defesa de Carlos I, e em parte por causa de duas seções que atacam o cristianismo. Numa passagem Hume nota que os primeiros reformadores protestantes eram fanáticos ou “inflamados com o elevado entusiasmo” em sua oposição ao domínio católico romano. Na segunda passagem ele

classifica o catolicismo romano como uma superstição que “como todas as outras espécies de superstição... provoca temores sem fundamentos nos infelizes mortais”. O ataque mais franco contra a *História* de Hume adveio de Daniel MacQueen em suas 300 páginas das *Cartas sobre a História do Sr. Hume*. MacQueen examina completamente o primeiro volume da *História* de Hume, expondo todas os “vagos e irreligiosos escárnios” que Hume supostamente faz contra o cristianismo. Enfim, esta reação negativa levou Hume a suprimir as duas passagens das edições seguintes da *História*.

Por volta desta época Hume também escreveu suas duas obras mais substanciais sobre religião. *Diálogos sobre a religião natural* e *História natural da religião*. A *História natural* apareceu em 1757, mas, por recomendação dos amigos que desejavam afastar Hume das controvérsias religiosas, os *Diálogos* permaneceram inéditos até 1779, três anos após sua morte. A *História natural* suscitou controvérsias mesmo antes de ser publicada. Em 1756 um volume de ensaios de Hume intitulado *Cinco Dissertações* foi impresso e preparado para distribuição. Os ensaios incluíam (1) “História natural da religião”, (2) “Das paixões”, (3) “Da tragédia”, (4) “Do suicídio”, e (5) “Da imortalidade da alma”. Os dois últimos ensaios faziam ataques diretos às doutrinas religiosas populares ao defender o direito moral da pessoa de cometer suicídio e ao criticar a idéia de uma vida após a morte. Cópias pré-publicadas circularam e personalidades influentes ameaçaram processar o editor de Hume se o livro fosse distribuído como estava. As cópias impressas das *Cinco dissertações* foram então fisicamente alteradas, com um novo ensaio, “Do padrão do gosto”, inserido no lugar dos dois ensaios removidos. Hume também aproveitou a oportunidade para alterar dois ensaios particularmente ofensivos da *História natural da religião*. Os ensaios foram então encadernados com o novo título de *Quatro dissertações* e distribuídos em janeiro de 1757.

Nos anos seguintes às *Quatro dissertações*, Hume completou sua última maior obra literária, a *História da Inglaterra*. Em 1763, com a idade de 50 anos, Hume foi convidado para acompanhar o Conde de Hertford em uma missão diplomática a Paris, com uma perspectiva próxima de ser seu secretário. Ele finalmente aceitou, e comenta sobre a recepção que recebeu em Paris “de homens e mulheres de todas as classes e posições”. Hume retornou a Edimburgo em 1766, e continuou a manter relações com as maiores mentes de seu tempo. Entre elas estava Jean-Jacques Rousseau que em 1766 foi exilado da Suíça pelo governo de Berna. Hume ofereceu a Rousseau refúgio na Inglaterra e assegurou-lhe uma pensão do governo. Na Inglaterra, Rousseau tornou-se suspeito de conspiração, e acusou publicamente Hume de tramar para destruir sua reputação, sob a aparência de ajudá-lo. Hume publicou um panfleto defendendo suas ações e foi exonerado. Outro cargo de secretário levou Hume a afastar-se a partir de 1767-1768. Retornando novamente a Edimburgo, seus anos restantes foram gastos revisando e aperfeiçoando suas obras publicadas, e na convivência social com amigos nos círculos intelectuais de Edimburgo.

Em 1776, com a idade de 65 anos, morreu de uma doença interna que o atormentou durante muitos meses.

Depois de sua morte, o nome de Hume ganhou um novo significado quando várias de suas obras anteriormente inéditas apareceram. A primeira foi uma breve autobiografia, *Minha vida*, que muitos têm elogiado como a melhor autobiografia concisa em inglês. Até mesmo esta obra despretensiosa levantou controvérsia religiosa. Como os amigos de Hume, Adam Smith e S.J. Pratt publicaram afetuosos elogios descrevendo como ele morreu sem qualquer preocupação com a vida após a morte, críticos religiosos responderam condenando esta injustificada admiração da infidelidade de Hume. Dois anos depois, em 1779, os *Diálogos* de Hume apareceram. Mais uma vez, a reação foi confusa. Admiradores de Hume consideram-na como uma obra habilmente escrita, enquanto os críticos religiosos a estigmatizaram como perigosa para a religião. Finalmente, em 1782, os dois ensaios de Hume suprimidos, sobre o suicídio e sobre a imortalidade, foram publicados. Sua recepção foi quase unanimemente negativa.

2. Principais controvérsias

A série toda de respostas críticas aos escritos de Hume constitui uma evidência de sua reputação literária. Uma reação recorrente entre seus leitores é que ele tentou ser original em tudo o que escreveu. Como um crítico diz,

O grande objetivo da ambição do Sr. Hume, como somos informados por ele mesmo, era a fama literária. E a fim de despertar a atenção pública ele parece ter pensado que era necessário ser singular. De acordo com isso, encontramos uma afetação de singularidade de sentimento, muito predominante em seus escritos. [Joseph Towers, *Observations on Mr. Hume's History of England* (1778)]

Aos olhos de seus leitores, este esforço pela singularidade manifesta-se no ceticismo filosófico, na infidelidade religiosa e no extremo conservadorismo político. Quanto mais ele escrevia e os críticos respondiam, mais uma aura de intriga e mesmo de perigo desenvolvia-se em torno dele. Esta reputação nefanda tornou-se tão marcante que ela frequentemente dificultou sua vida social e tornou-o o alvo de ataques verbais e grandes boatos. Sejam quais forem as opiniões que Hume possa ter expressado em seus escritos teóricos, em sua vida privada ele foi modesto, bondoso, espirituoso e, acima de tudo, sociável. Como seus amigos nos relatam, ele raramente se envolvia em discursos filosóficos sérios em reuniões sociais, e, se o fazia, aceitava cortesmente refutações contras as suas opiniões cétricas e anti-religiosas. Os críticos que conheciam este lado de Hume tratavam-no com dignidade. Os demais, particularmente aqueles não familiarizados com ele, não lhe mostravam qualquer respeito.

A partir da época de suas primeiras obras publicadas, Hume esteve envolvido em várias controvérsias públicas. Ele deixou de ser aprovado para o cargo de professor tanto

em Edimburgo como e Glasgow em grande medida por causa de sua reputação de infidelidade religiosa. Seu ensaio “Dos milagres” (1748) despertou reações críticas de clérigos de diferentes denominações. O primeiro volume publicado de sua *História* (1754) também tocou um ponto nevrálgico por causa de sua insinuação que o cristianismo foi motivado pelo fanatismo e pela superstição. Uma das primeiras controvérsias mais públicas, entretanto, envolveu os esforços de alguns clérigos conservadores da Igreja escocesa para excomungar – ou pelo menos censurar – Hume e seus colegas Henry Home, Lord Kames, por seus escritos infiéis. Um dos instigadores deste esforço foi o clérigo aposentado George Anderson (1677-1756) – contudo em sua condição de aposentado ele não participou diretamente dos próprios processos formais. Panfletos foram publicados sobre o assunto, a favor e contra, e, em 1756 o caso contra Hume foi levado perante um comitê da Assembléia Geral – o mais elevado corpo judicial da Igreja da Escócia. O lado conservador argumentou que Hume apresentou uma verdadeira ameaça à religião, e era dever da Igreja agir contra ele. O lado moderado argumentou que as opiniões de Hume eram auto contraditórias e, em qualquer evento, como um não crente, censurá-lo não teria qualquer impacto. Numa votação de 17 por 50, tomou-se a decisão de não levar o caso adiante.

A vitoriosa decisão a favor de Hume, entretanto, durou pouco, pois ele rapidamente tornou-se envolvido em uma disputa com a Igreja da Escócia a respeito da moralidade das peças de teatro. A figura central na controvérsia era o amigo íntimo de Hume, o clérigo John Home, que recebeu sua licença admonitória* em 1745. Durante alguns anos ele tinha estado aperfeiçoando uma peça trágica intitulada *Douglas* e, quando seus esforços iniciais de tê-la apresentado em Londres falharam, seus amigos locais o apoiaram para que se transformasse numa bem sucedida produção em Edimburgo. Isso levantou duas preocupações entre os clérigos escoceses conservadores. Em primeiro lugar, as peças de teatro em Edimburgo eram muito raras e, assim eles acreditavam, imorais; em segundo lugar, a idéia de um clérigo envolvido numa tal produção era escandalosa. Hume entrou na controvérsia ao escrever uma dedicatória a Home, que foi apresentada como prefácio às *Quatro dissertações* (1757). Neste prefácio ele exalta *Douglas* como uma das mais interessantes e emocionantes peças que jamais foram exibidas em um teatro” e diz que Home possui “o verdadeiro gênio teatral de *Shakespear* e *Otway*, purificado do infeliz barbarismo de um e da licenciosidade do outro”. O endosso público de Hume forçou os críticos de Londres a tomar conhecimento. Ao mesmo tempo, entretanto, ela uniu inexoravelmente o clérigo Home ao infiel Hume. Na Escócia, o clero conservador atacou o imoral passatempo de teatrólogo e tentou agir contra o clérigo que cuidou de sua produção. Em Londres os críticos riram do brilhante elogio de Hume a uma peça medíocre. Um escritor, John Hawkesworth, afirmou que as “reservas críticas” de Hume já tinham sido reduzidas quase à falência. O próprio Home não tinha escolha a não ser renunciar a seu

cargo na Igreja. Um ponto culminante desta controvérsia é a obra *Philosopher's Opera* (1757), de MacLaurin, que satirizou Hume, Home e seus partidários de Edimburgo. A controvérsia acerca de *Douglas* de Home foi em grande medida um caso local. Dez anos depois ele tomou parte numa controvérsia internacional envolvendo suas tentativas de hospitalidade com respeito a Jean-Jacques Rousseau. Nascido em Genebra e tendo fugido daquela cidade com 16 anos, Rousseau (1712-1778) mudou-se para Sabóia onde, sob a influência de sua benfeitora, a Baronesa de Warens, transformou-se de um rude aprendiz em um homem de letras. Com a idade de 30 anos ele mudou-se para Paris e, com o jovem Denis Diderot, formou um círculo intelectual – os *philosophes*. Em 1762 suas duas maiores obras filosóficas apareceram, *Emílio* e *O contrato social*. A primeira delas despertou uma controvérsia religiosa, e, temendo ser preso, Rousseau fugiu de Paris para a Suíça. Durante os anos seguintes ele escreveu em defesa de si mesmo, mas em 1765 foi forçado a deixar a Suíça também. No início de janeiro de 1766, a convite de Hume, ele passou um ano na Inglaterra em uma casa rural que Hume providenciou para ele. Por intermédio de relações políticas Hume até assegurou uma pensão do Rei George III para Rousseau. Na mente dos principais homens de letras britânicos, entretanto, Rousseau era excêntrico, arrogante, e tinha um complexo de perseguição. Tirando proveito destes preconceitos, o romancista britânico Horace Walpole escreveu uma carta satírica sob o nome de Frederico, rei da Prússia, convidando Rousseau a refugiar-se naquele país. Dado que Rousseau tem sucesso no infortúnio, escreve Walpole, “sou um rei, e posso fazê-lo tão miserável quanto desejar”. A carta foi impressa num jornal de Londres, onde Rousseau pela primeira vez a viu. Humilhado, convenceu-se de que Hume participara da brincadeira e tinha mesmo convidado Rousseau para a Inglaterra para fazê-lo um objeto do ridículo. Rousseau recusou sua pensão e, numa carta a Hume datada de 10 de julho, ameaçou levar a público suas acusações. Hume então antecipadamente publicou *A Concise and Genuine Account of the Dispute between Mr. Hume and Mr. Rousseau: with the Letters that Passed between them during their Controversy* (1766). O panfleto isentou Hume, mas também considerou Rousseau mentalmente instável. Um panfleto subsequente contra Rousseau, de autoria de Voltaire, reforçou a percepção pública de seus problemas mentais. De acordo com os críticos de Hume, ao publicar a *Concise and Genuine Account* estava destruído, e violado, o dever de Hume como anfitrião em tratar seu hóspede emocionalmente suscetível com dignidade.

Quatro anos depois houve uma virada de mesa para Hume quando ele mesmo tornou-se o objeto do que ele considerou como um ataque indigno. Seu crítico era James Beattie (1735-1803), o jovem professor de Filosofia Moral e Lógica no Marischal College, Aberdeen, que acreditou que a filosofia cética e anti-religiosa de Hume apresentava uma ameaça pública à religião e à moralidade. Sua obra, *An Essay on the Nature and Immutability of Truth* (1770), ataca implacavelmente a filosofia de Hume como ela aparece em seu *Tratado da natureza humana*, publicado 30 anos antes. Beattie uniu-se

imediatamente ao obscuro poeta Thomas Blacklock – antigo amigo de Hume – que, numa série de cartas em um jornal de Edimburgo, justificou o ataque de Beattie. Hume refere-se apenas uma vez a Beattie em suas cartas sobreviventes, chamando-o de “indivíduo fanático e tolo”. Outras fontes, contudo, relatam que a reação de Hume foi muito severa:

Havia algum livro particular [i.e. o Ensaio de Beattie] já escrito contra ele [i.e., Hume], que destruía seu sistema em pedaços a seus olhos, e o reduzia a um monte de ruínas? Poder-se-ia imaginar que o sucesso e brilho do mesmo teria prejudicado sua mente e afetado sua saúde? Havia algum autor [i.e., Beattie], cujo nome seus amigos nunca ousavam mencionar diante dele, e advertiam todos os estranhos que lhe eram apresentados para não mencioná-lo, pois ele nunca deixava, quando por algum acidente isso era feito, de enfurecer-se num ataque de cólera e imprecações? [George Horne, *Letter to Adam Smith* (1777).

Beattie estava consciente da reação de Hume, e estava de maneira similar consciente das tentativas por parte de alguns amigos de Hume de manchar sua reputação em retaliação. Beattie levou a melhor, entretanto, e foi honrado ao conseguir uma audiência com o rei e com a rainha, e ao receber uma pensão real. O forte sentimento de Hume a respeito de Beattie é de algum modo um enigma em vista da quantidade de ataques críticos que apareceram contra Hume durante sua vida. James Boswell, entretanto, oferece uma explicação:

Os escritores que atacaram David Hume antes de Beattie tomaram o chicote nas mãos, ameaçaram-no com tanto respeito a ponto de não alcançarem efeito algum. Ele estava encoberto por um manto de respeito. Mas Beattie o despiu de toda sua suposta dignidade, e, tendo desnudado seu dorso, açoitou-o até ele arder muito, e amaldiçoou-o mais uma vez. David foi em verdadeiros termos civis relacionados com seus primeiros oponentes, sendo tratado por eles como o Dr. Shebbeare foi tratado no pelourinho, a quem se permitiu que usasse uma vistosa cabeleira empoadada. Mas ele foi virulento contra Beattie, como tenho testemunhado, pois Beattie tratou-o como um inimigo da moral e da religião com razão [James Boswell, *Boswelliana* (1884)]

Alguns meses antes de sua morte, Hume escreveu uma breve autobiografia intitulada “Minha vida”. Dois importantes acontecimentos que estão visivelmente ausentes de seu relato – como os críticos têm observado – são suas controvérsias com Rousseau e Beattie.

3. Controvérsias póstumas

Hume esteve em rápido declínio durante os últimos dois meses de sua vida por causa do que ele descreveu como “uma diarreia contínua de mais de um ano”; uma doença similar levou a sua mãe à morte. Ele tornou-se enfraquecido e cansado, e permanecia deitado boa

parte do tempo. Por recomendação de seu médico, fez uma viagem durante maio e junho de 1776, esperando que a mudança melhorasse sua saúde. Alguns dos acontecimentos foram registrados por John Home, que o acompanhou boa parte do tempo. Houve alguma melhora, mas apenas temporária, e ele retornou para sua casa em Edimburgo a fim de preparar-se para morrer. Em seus últimos meses recebeu regularmente convidados, e temos relatos das visitas feitas por James Boswell, William Cullen e Adam Smith. Lemos nestes relatos que ele permanecia alegre, completamente lúcido e inflexível em sua infidelidade. Embora os relatos de Cullen e de Boswell tenham sido publicados somente nos séculos posteriores, o de Smith apareceu meio ano após a morte de Hume e imediatamente despertou controvérsia. Duas partes do relato de Smith eram particularmente ofensivas. Em primeiro lugar, parodiando os *Diálogos dos mortos* do clássico Luciano, que Hume estava lendo nesta época, ele imaginou várias desculpas engraçadas para que Charon não o atravessasse de balsa através do rio Styx até o Hades. Uma delas era que assim ele “poderia ter o prazer de ver o declínio de alguns dos sistemas de superstição predominantes”. A segunda parte era o comentário final de Smith que “Enfim, sempre o considerei, durante sua vida e depois de sua morte, como o homem que mais se aproximou, tanto quanto talvez a natureza da fraqueza humana permita, da idéia que formamos de um homem perfeitamente sábio e virtuoso”. A idéia de um infiel sendo o modelo de virtude era chocante. Mesmo mais de cem anos após este fato, autores religiosos irritaram-se por causa da atitude irreverente de Hume em relação à morte e com o elogio de Smith, como se este fosse uma novidade.

Uma intrigante guinada em relação à história da morte de Hume emergiu na virada do século XIX, mas foi logo esquecida e tem sido desde então ignorada pelos estudiosos de Hume. Logo após a morte de Hume, parece que a empregada de Hume – provavelmente Margaret Irvine – estava passeando numa carruagem com três outros passageiros – incluindo o sogro do amigo de Hume James Edmonstone. O assunto da morte de Hume veio à tona, e os passageiros passaram a falar sobre o sereno estado de espírito do filósofo. Irvine então falou voluntariamente de sua experiência direta. Hume de fato parecia tranqüilo na presença de visitantes, Irvine relatou, mas era tudo aparência. Em particular, estava oprimido pela angústia a tal ponto que seu leito gemia e ele não desejava ser deixado sozinho; ele declarou que tinha estado em busca de luz durante toda a sua vida mas estava agora na maior escuridão que nunca. Cinco pontos questionam esta história a partir, aparentemente, de três fontes independentes. A narrativa mais detalhada do relato de Irvine é “Sobre o leito-de-morte do historiador Hume” no *Christian Observer* (1831) que reimprime um artigo que “apareceu muitos anos atrás num jornal de Edimburgo”. A mais convincente confirmação da história está nas *Memoirs* de Alexandre Haldane (1852), que a ouviu da governanta de Hume, do Sr. Abercromby de Tullibody (sogro de Edmonstone) que estava na carruagem, para os vizinhos de Abercromby, a família Haldane. O que podemos dizer sobre a autenticidade desta história? Em primeiro lugar, é razoável acreditar

que Margaret Irvine estava numa carruagem com Abercromby e outros, e que ela de fato falou sobre os últimos dias de Hume – embora provavelmente não nas palavras exatas que o narrador atribui a ela. Em segundo lugar, é razoável acreditar que ela testemunhou Hume em estado de angústia, especialmente em suas últimas semanas, e que os modos de Hume mudavam quando seus hóspedes despediam-se. Em terceiro lugar, não é claro, entretanto, se a angústia que ela percebeu era resultado das reflexões de Hume sobre a vida após a morte, de seu possível declínio mental, ou de seu sofrimento a partir da doença terminal. Em todo caso, devemos concluir que os relatos do declínio absolutamente tranqüilo de Hume feito por Boswell, Cullen e Smith, não são tão exatos como a história tem assumido.

Do início ao fim do relato de Smith, a percepção pública de Hume era que, apesar de sua infidelidade, ele foi uma pessoa moralmente virtuosa e que morreu pacificamente sem qualquer preocupação com a vida após a morte. Esta caracterização inevitavelmente levou a comparações entre Hume e crentes recentemente falecidos. O primeiro deles foi William Dodd, um clérigo anglicano que foi executado, devido à contrafação, dois meses antes da morte de Hume. O contraste aqui era entre Hume, o virtuoso infiel, e Dodd, o religioso imoral; contraste que foi explorado numa obra anônima intitulada *A Philosophical and Religious Dialogue in the Shades* (1778). O segundo deles foi Samuel Johnson, que morreu em 1784. Johnson tinha um bem conhecido medo da morte que o levava a acessos de raiva e períodos de depressão. A fé cristã, presumia-se comumente, oferece conforto especial aos crentes moribundos, e as mortes de Hume e Johnson desafiavam esta sabedoria convencional a partir de finais opostos. Usando Hume e Johnson como modelos, a obra *On the Differences Between the Deaths of the Righteous and the Wicked* (1800), de William Agutter, explora as atitudes agonizantes de infiéis e crentes.

Adam Smith não foi o único que escreveu um elogio de Hume, e nem os outros normalmente o receberam de forma severa*. Depois de algumas semanas da morte de Hume, John Home escreveu uma série de cartas anônimas para o *London Chronicle* elogiando o caráter e as obras de Hume. Isso foi seguido pela anônima e igualmente favorável *Account of the Life and Writings of David Hume* de Home, que recebeu com um penetrante* ataque. Talvez perto desta época ele também escreveu um inédito “Sketch of the Character of Mr. Hume.” Samuel Jackson Pratt escreveu uma extensa *Apology for the Life of David Hume* (1777), que, aludindo à tranqüila morte do famoso infiel, começa com a extraordinária afirmação de que “David Hume está morto! Nunca os pilares da ortodoxia foram tão excessivamente abalados, como eles o são agora, por este evento”. Vários críticos, especialmente George Horne, atacaram a obra de Pratt por seu péssimo estilo e conteúdo. No final de 1776 apareceu uma biografia anônima de Hume intitulada *An Account of the Life and Writings of David Hume*, que elogiava Hume e atacava Beattie. Quando a “*Account*” foi reimpressa alguns anos depois num jornal de Edimburgo, recebeu críticas dos partidários de Beattie.

Quando o interesse inicial acerca da morte de Hume diminuiu, continuaram a aparecer obras que enfatizavam sua reputação como um autor infiel, algumas delas eram obras de ficção. A mais notável destas é a *Story of La Roche*, de Henry Mackenzie, que, embora tentando permanecer verdadeira em relação ao caráter de Hume, apresenta um relato completamente fictício das relações pessoais do jovem Hume com um velho ministro suíço e sua jovem filha. Entre as mais interessantes indicações da reputação póstuma de Hume existe uma controvérsia sobre a candidatura em 1805 de John Leslie para a Cadeira de Matemática na Universidade de Edimburgo. Uma breve nota de rodapé em uma das obras de Leslie endossa aquela que é considerada a visão de Hume sobre a causalidade. O clero escocês do lado Torie do partido moderado se opôs a Leslie a favor de um candidato que era um clérigo de sua própria facção. Aproveitando a controversa reputação de Hume, eles apresentaram o caso perante a Assembléia Geral da Igreja da Escócia e argumentaram que um homem que defende a filosofia de Hume é desqualificado para o magistério. Ironicamente, o clero conservador que defendeu Leslie não foi afetado por tais argumentos anti-humeanos, e, constituindo uma maioria com os moderados Whig, suspenderam o processo. A candidatura de Leslie enfim foi bem sucedida. Um vigoroso relato da controvérsia de Leslie é apresentado por Henry Cockburn em *Memorials of his Time* (1859).

4. As obras publicadas de Hume

Existem muitas edições publicadas das obras de Hume. A melhor delas são os volumes *The Philosophical Works of David Hume* (1874-1875), ed. T.H. Green and T.H. Grose; *Hume's Treatise* (Oxford, 1978) and *Enquiries* (Oxford, 1975) ed. L.A. Selby-Bigge e P.H. Nidditch; *Hume's History of England* (Liberty Classics, 1983); *Hume's Essays, Moral, Political and Literary* (Liberty Classics, 1987), ed. E.F. Miller. A Oxford University Press está atualmente produzindo uma edição crítica das obras filosóficas de Hume, editadas por T. Beauchamp, M. Box, D.F. Norton, e M.A. Stewart. A Thoemmes Press está publicando uma coleção de 10 volumes com as discussões críticas de Hume nos séculos XVIII e XIX intitulada *Early Responses to Hume's Writings* (Thoemmes Press, 1999-2005), ed. J. Fieser. Atualmente a melhor biografia de Hume é a de E.C. Mossner, *The Life of David Hume* (Oxford, 1980). Para textos online das obras de Hume e alguns comentários ver os Arquivos Hume. Abaixo segue uma lista cronológica das publicações de Hume.

(1) *Tratado da natureza humana: Uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais* (1739-40). Nota: em três volumes, publicados anonimamente: Vol. I. *Do entendimento*; Vol. II. *Das paixões*. Vol. III. *Da moral*. A obra não foi muito bem aceita e nenhuma edição subsequente do *Tratado* apareceu até o início do século XIX. Trata-se da principal obra filosófica de Hume, as suas noções centrais foram reescritas de forma mais popular nos *Ensaaios filosóficos sobre o entendimento humano* (1748) e na *Investigação sobre os princípios da moral* (1751).

(2) *Resumo de um livro recentemente publicado, intitulado Tratado da Natureza Humana, etc. no qual o principal argumento deste livro é também ilustrado e explicado* (1740). *Nota:* panfleto de 16 páginas publicado anonimamente como um esforço para chamar a atenção para o *Tratado*. Nenhuma edição posterior deste texto apareceu até 1938.

(3) *Ensaio morais e políticos* (1741-1742). *Nota:* publicados anonimamente em dois volumes, em 1741 e 1742 respectivamente. Nas edições posteriores alguns ensaios foram suprimidos e outros acrescentados; a coletânea foi finalmente reunida em seus *Discursos políticos* (1752) e re-intitulada *Ensaio morais, políticos e literários* na coletânea de obras filosóficas de Hume, *Ensaio e tratados sobre vários assuntos* (1753).

(4) *Carta de um cavalheiro a seu amigo em Edimburgo: contendo algumas observações sobre uma amostra de princípios sobre a religião e a moralidade que se diz que são mantidos num livro recentemente publicado, intitulado Tratado da natureza humana, etc.* (1745). *Nota:* panfleto de 34 páginas publicado anonimamente próximo da candidatura de Hume para a cadeira de Filosofia Moral na Universidade de Edimburgo. O panfleto responde às críticas relativas ao *Tratado*.

(5) *Ensaio filosófico sobre o entendimento humano. Do autor dos Ensaio morais e políticos* (1748) *Nota:* publicados anonimamente; depois re-intitulados *Investigação sobre o entendimento humano*. Trata-se de uma versão popularizada dos principais temas que aparecem principalmente no Livro 1 do *Tratado*.

(6) *A True Account of the Behaviour and conduct of Archibald Stewart, Esq; late Lord Provost of Edinburgh. In a letter to a Friend* (1748). *Nota:* panfleto de 51 páginas publicado anonimamente como uma defesa de Archibald Stewart, prefeito de Edimburgo, em torno de uma controvérsia política.

(7) *Investigação sobre os princípios da moral. De autoria de David Hume, Esq.* (1751). *Nota:* trata-se de uma versão popularizada dos temas centrais que aparecem principalmente no Livro III do *Tratado*.

(8) *The Petition of the Grave and Venerable Bellmen (or Sextons) of the Church of Scotland* (1751). *Nota:* Panfleto anônimo sobre os esforços da Igreja da Escócia para aumentar seus salários.

(9) *Discursos políticos. De autoria de David Hume Esq.* (1752). *Nota:* coletânea de ensaios sobre assuntos econômicos e políticos que foram depois acrescentados aos seus *Ensaio morais e políticos* (1741-1742) e re-intitulados *Ensaio morais, políticos e literários* na coletânea das obras filosóficas, *Ensaio e tratados sobre vários assuntos* (1753).

(10) *Scotticisms* (1752). *Nota:* panfleto de 6 páginas publicado anonimamente, listando os dialetos escoceses.

(11) *História da Inglaterra, da invasão de Júlio César até a Revolução de 1688* (1754-1762). *Nota:* publicada em quatro etapas: (a) *História da Grã-Bretanha*. Vol. I. Compreendendo os reinados de Jaime I e Carlos I. De autoria de David Hume, Esq. (1754); (b) *História da Grã-Bretanha*. Vol. II. Compreendendo a Comunidade Britânica e os

reinados de Carlos I e Jaime II. De autoria de David Hume, Esq. (1757); (c) História da Inglaterra, sob a Casa dos Tudor compreendendo os reinados dos Reis Henrique VII, Henry VIII, Edward VI, das Rainhas Mary e Elizabeth. ... De autoria de David Hume, Esq (1759); (d) História da Inglaterra, da invasão de Júlio César a ascensão de Henrique VII... De autoria de David Hume, Esq. (1762).

(12) *Ensaaios e tratados sobre vários assuntos. De autoria de David Hume, Esq; Em quatro volumes* (1753). *Nota:* coletânea das obras filosóficas de Hume, incluindo (a) *Ensaaios morais e políticos* (b) *Ensaaios filosóficos sobre o entendimento humano* (c) *Ensaio sobre os princípios da moral*, e (d) *Discursos políticos*. Os ensaios das *Quatro dissertações* (1757) foram acrescentados depois.

(13) *Quatro dissertações. I. História natural da religião. II. Das paixões. III. Da tragédia. IV. Do padrão do gosto. De David Hume, esq.* (1757). *Nota:* este volume devia originalmente incluir "Do suicídio" e "Da imortalidade da alma," os quais foram removidos na última hora e apareceram em 1783 numa edição póstuma não autorizada. Os quatro ensaios das *Quatro dissertações* foram depois acrescentados às várias seções dos *Ensaaios e tratados sobre vários assuntos*.

(14) Letter to *Critical Review*, Abril 1759, Vol. 7. pp. 323-334. *Nota:* defesa do poema épico *Epigoniad*, de William Wilkie.

(15) *Exposè, succinct de la contestation qui s'est levé entre M. Hume et M. Rousseau, avec les piéces justificatives* (1766). *Nota:* panfleto de 127 páginas contendo cartas entre Hume e Rousseau, publicado anonimamente, traduzido do inglês por J.B.A. Suard. O panfleto foi traduzido de volta para o inglês em *A Concise and Genuine account of the Dispute between Mr. Hume and Mr. Rousseau: with the Letters that Passed Between them during their Controversy* (1766).

(16) Advertisement to Baron Manstein's *Memoirs of Russia, Historical, Political and Military, from MDCXXVII, to MDCXLIV* (1770). *Nota:* a apresentação desta obra é assinada por Hume.

(17) *A vida de David Hume, Esq. Escrita por ele mesmo* (1777). *Nota:* a única edição autorizada desta obra é aquela contida na edição de 1777 dos *Ensaaios e Tratados sobre vários assuntos*. Esta edição publicada separadamente inclui "Carta de Adam Smith, LL.D. a William Strahan, Esq".

(18) *Diálogos sobre a Religião Natural. De autoria de David Hume, Esq.* (1779). *Nota:* edição póstuma do manuscrito, contendo o mais detalhado ataque de Hume contra a religião natural.

(19) *Ensaaios sobre o suicídio e a imortalidade da alma, atribuído ao falecido David Hume, Esq. Nunca antes publicados. Com comentários do editor destinados a servir como um antídoto contra o veneno contido nestes trabalhos. Aos quais acrescenta-se: Duas Cartas sobre o Suicídio, da Eloísa [sic] de Rousseau,* (1783). *Nota:* publicação não autorizada dos dois ensaios que estavam originalmente incluídos nas *Quatro Dissertações*

5. Coletâneas de cartas de Hume

Ainda não existe uma edição completa ou crítica das cartas de Hume. A correspondência conhecida tem aparecido em várias publicações desde a morte de Hume. As mais notáveis são listadas abaixo em ordem cronológica.

(1) Thomas Edward Ritchie, *An Account of the life and Writings of David Hume, Esq.* (1807). *Nota:* primeira longa biografia de Hume com citações das cartas de Hume. Os originais de algumas destas cartas já foram perdidos.

(2) *Private Correspondences of David Hume with Several Distinguished Persons, between the years 1761 and 1776. Now first Published from the Originals* (1820). *Nota:* coletânea anonimamente editada, contendo a primeira publicação das cartas de Hume à Condessa de Boufflers, os manuscritos originais destas cartas nunca apareceram.

(3) Thomas Murray, *Letters of David Hume and Extracts from Letters Referring to Him* (1841). *Nota:* cartas sobre o período em que Hume foi tutor do Marquês de Annandale.

(4) John Hill Burton, *Life and Correspondences of David Hume. From the Papers Bequeathed by his Nephew to the Royal Society of Edinburgh; and other Original Sources.* (1846). *Nota:* biografia em dois volumes, baseada na coletânea pessoal de centenas de cartas e manuscritos em posse da Royal Society de Edimburgo (agora em posse da Biblioteca Nacional da Escócia).

(5) John Hill Burton, *Letters of Eminent Persons Addressed to David Hume. From the Papers bequeathed by his Nephew to the Royal Society of Edinburgh.* (1849). *Nota:* coletânea de cartas destinadas a Hume da coletânea pessoal de cartas e manuscritos de Hume.

(6) G. Birbeck Hill, *Letters of David Hume to William Strahan* (1888). *Nota:* coletânea de cartas anteriormente inéditas trocadas entre Hume e seu editor William Strahan.

(7) J.Y.T. Greig, *Letters of David Hume* (1932). *Nota:* dois volumes, atualmente a melhor coletânea das cartas de Hume (juntamente com o item seguinte).

(8) R. Klibansky e E.C. Mossner, *New Letters of David Hume* (1954). *Nota:* volume de novas cartas, destinadas a servir como um suplemento ao volume de Greig.